

COMEDIA NOVA

INTITULADA

DISPARATES

DE HUM ACERTO,

EM QUE FALLAM

Arnaldo, 1. Galan.
Fabricio, 2. Galan.
Acerto, Gracioso.

Filis, Irmã de Fabricio.
Lizarda, Irmã de Arnaldo.
Lagartixa, Criada.



ACTO I.

MUTAÇAM PRIMEIRA.

Rua.

Sabe Acerto vestido como Galego.

Acert. **H**E possível, que viesse eu da minha terra de Chaves para andar por aqui de porta em porta, e sem haver hum amo, que me recolha em casa! Pois outros de minha patria se lhe abrião cá bons caminhos, com que foraõ ricos como huns porcos. Pascal de Azevedo com oitannos,

que esteve com huma pa-deira, tem hoje na terra mais nos farelos, do que outros na farinha; e ainda que foy aberto dos peitos, tem com que fazer hum bom enterro, e ainda deixar Mis-
sas pela alma. Gil Afonso com dez annos de mariola sim foy com huma perna quebrada, mas comprou terras, que lhe rendem palha

Comedia Nova,

e sevada para se sustentar bem á vontade; e outros infindos, que foraõ ricos como huns porco, para se tratarem com limpeza; mas só este pobre Acerto ha huma semana, que por aqui anda, sem achar cômodo. He forte degraça!

Sabe Arnaldo.

Arn. Ah tyranna Filis, que pouco te compadecees do meu tormento.

Acert. Mas alli vem hum homem, perguntar-lhe hey se me quer por seu criado, porque estou almijando com fome.

Arn. Aqui venho buscar occasião de te ver, se o escaço das janellas me concederem taõ grande sorte.

Acert. Muito bons dias, meu Senhor: por ventura v. m. quererá? Mas eu supponho, que naõ., e assim v. m. me perdoe.

Arn. O que? Dize.

Acert. Naõ Senhor, se v. m. naõ quer, entonces he escusado eu envergonharme.

Arn. Relata-me o que pertendes.

Acert. De forte Senhor, que eu sou lá de cima de Chaves, e como a huma pessoa naõ lhe está mal procurar sua vi-

da honradamente: mas v. m. parece, que naõ ha de mister, a Deos meu Senhor.

Arn. Que louco he este! Espera; explicame o que querias.

Acert. Eu Senhor, como hi dizendo, lá pela minha terra ha pouco, em que ganhava a vida, por mais que hum pessoa morra por isto.

Arn. Vamos adiante.

Acert. Para onde, Senhor, he que havemos de ir?

Arn. Digo, que te acabes de explicar.

Acert. Ah, sim Senhor; eu como lhe vou contando, como sou de boa seva, e meu pay naõ me podia manter, mandoume para Lisboa, para ver se achava quem houvesse mister algum moço.

Arn. Queres-te accommodar?

Acert. Pois taõ desinquieto fou eu, para v. m. me dizer, se me quero accomodar?

Arn. Digo se queres servir.

Acert. Senhor, sim; se alguem se quizer servir de mim, eu naõ se me dá de servir a alguem.

Arn. Pois queres tu servirme.

Acert. Huy, pois porque naõ? V. m. deve ser Cavalheiro, porque logo na sevandijaria do rosto mostra ser homem de proposto.

Arn. Como he o teu nome?

Acer

Disparates de hum Acerto.

3

Acert. Acerto, para servir a v. m.

Arn. Acerto? Já que tive o de encontrarte, espero que em me servires correpondão as obras ao nome.

Acert. Deixemos retholicas, e saibamos o que hey de ganhar.

Arn. Não precisas fazer preço comigo; mas se o queres saber, hum quartinho cada anno, he o que costume dar de estipendio aos meus criados.

Acert. Estupendo lhe chama v. m. e elle ainda podia ser melhor?

Arn. E além disso sempre te darey, com que te trates com limpeza.

Acert. Não importa, que eu não comer, e beber tirarey tudo a limpo.

Arn. E para já dares principio a servirme, quero Acerto, que com todo o possivel entregues huma carta naquella casa defronte á Senhora della.

Acert. Tá, tá; ora bem dizem por lá pela minha terra.

Arn. O que dizem?

Acert. Que em hum moço vindo servir para Lisboa, o primeiro officio, que lhe ensinão, he de carteiro de amores.

Arn. Pois que importa isso?

Acert. Nada mais, que ser derreado pelo pay, ou irmaão da tal supplicada, e huma pessoa não está obrigado a servir com prejuizo da sua pelle.

Arn. Não sejas medroso, executa o que te mando.

Acert. E se por executar o que v. m. manda, me enxi-cotarem a mim o corpo? Como ha de então ser isso?

Arn. Se has de repugnar ao que te ordeno, procura outro amo.

Acert. Ora Senhor eu vou, que logo pela primeira vez não ferey mal succedido.

Arn. Pois vay, e nas primeiras casas ao virar desta esquina me podes buscar com a resposta, que he aonde affisto.

Acert. Esta bem, o que importa he, que faya eu de lá com bom successo. *Vaise.*

Arn. Amor te encaminhe, para que em tudo obres com Acerto.

A Ventura me entreguey,
Seguindo de amor o norte,
E só confiado na sorte
Sempre acertar procurey:

Comedia Nova,

Já com Acerto encontrey,
Que ser feliz me assegura,
Julgo, que o fado procura
Chegarme do porto perto;
Que he dita encontrar Acerto,
Quem só se entrega á ventura.

Vaife.

MUTAÇAM SEGUNDA.

Sala.

Sabe Filis, e Lagartixa.

Fil. **N**ÃO fey, Lagartixa, a que attribua os descuidos de Arnaldo, se a pouco amor, se á falta de occasião, que temos para nos respondermos; pois he meu irmão tão zeloso, que a toda a hora muda de criados por qualquer leve suspeita.

Lag. Ah Senhora, a mim me mellê, se elle se pôde soffrer.

Fil. E até me he impossivel fallar-lhe, pois logo á noite fecha as portas, e ainda as mais altas janellas.

Lag. Senhora, isso de fechar as janellas, mais depressa fará por minha causa, que por teu respeito, pois talvez receará, que eu faya de casa.

Fil. Porque razão?

Lag. Porque só as Lagartixas podem fugir por qualquer parede abaixo.

Fil. Deixa-te de graças, que estou muito consumida. Oh

que se eu soubera, que amor causava tantos tormentos, nunca ao seu imperio rendera a minha liberdade.

Lag. Não te afflijas, Senhora, que o que for teu, á mão te ha de vir. Batem.

Fil. Mas parece, que baterão na porta, vê quem he.

Abre Lagartixa a porta, e entra Acerto.

Lag. Eu vou Senhora: mas que vejo? Quem he?

Acert. V. m. ainda que mal pergunte, he a dona da casa?

Lag. Não, mas sou a sua criada, que lhe quer?

Acert. Pois senão he, que lhe importa o que lhe quero? He boa confiança! Mas eu supponho, que he a Senhora, que lá está, deixe entrar a gente, Senhora sopeira de huma figa.

Lag. He bem atrevido, e desatento!

Fil. Que he isto?

Acert. Não he nada, Senhora, sou eu.

Fil. Pois que procuras?

Acert. Couza nenhuma.

Lag. Isto deve ser algum doudo; vá-se embora.

Acert. Ah Senhora cozinheira, deixe a gente dar o seu recado, a que vem.

Fil. Se nada procuras, o que pertendes?

Acert. Eu nada venho buscar, porque antes trago alguma couza?

Fil. O que trazes?

Acert. O que trarey eu agora! Mas digame primeiro, v. m. conhece o Senhor meu amo novo.

Fil. Como se chama?

Acert. V. m. não o sabe?

Fil. Não.

Acert. Pois nem eu por minha vida.

Lag. He doudo, assim como sete e cinco são quatorze.

Fil. Dize o que procuras, ou te vay embora.

Acert. Ora pela sua saude não seja tão lafcarinha.

Lag. Vósê diz o que quer, ou não? Lístá boa matraca esta!

Acert. Huy Senhoras! Não me atarantem com essas pressas, que eu não tenho muita.

Fil. He possível, que soffra isto! Oh Lagartixa, chama hum criado, que deite fora este louco.

Acert. Ah Senhora Lagartixa, não vá, assim a fortuna a livre de rapazes ás feixadas.

Lag. Pois diga, o que pertende, ou se vá embora já, e já muito depressa.

Acert. Ora eu o digo com bem vergonha minha: alli hum fugeito, que mora ao virar da esquina, me deo esta cartinha para v. m., e se tiver porte, o que poderey fazer he aceitallo. *Dálba.*

Fil. He do meu querido Arnaldo? Espera premiarey o teu trabalho.

Acert. E crea-me, que não foy pequeno, pois estou banhado em suor.

Lag. Ay, que ha de ser de nós com este homem em casa, que ali vem o Senhor?

Acert. Eisahi porque eu renegaya ser carteiro de amor, e mais cuidey, que logo pela primeira vez não fosse mal succedido.

Fil. Que havemos fazer neste caso?

Lag. Escondermolo: anda comigo depressa.

Acert. Irra, eu tenho perigo ás claras, que sera se me apanhao escondido.

Lag. Ha mayor loucura! Vem antes

antes que entre.

Acert. Para que he isso? Digão-lhe a verdade toda, porque quem confessa, não merece castigo. *Entra Fabricio.*

Fabr. Para que tens, Lagartixa estas portas abertas? Mas que procuras tu aqui?

Acert. V. m. he o Senhor dono da casa?

Fabr. Sim.

Acert. Por muitos annos, e bons em companhia destas Senhoras.

Fabr. Pois o que queres?

Acert. Que hey de querer? De modo Senhor, que eu sou lá de Chaves: v. m. sabe aonde he Chaves?

Fabr. Sim.

Acert. Pois essa he a minha terra.

Fabr. Está bem: mas dizeme a que vestes aqui?

Acert. Eu vim cá mandado, e assim logo digo toda a verdade.

Lag. Elle declara tudo certamente.

Fabr. Quem te mandou?

Acert. Eu conheço cá alguém nesta terra? Mandou-me hum homem, que nunca tal demonio vi.

Fabr. E a que te mandou?

Acert. Eu já deey o recado a Senhora.

Fil. He preciso acudir a isto, antes que elle manifeste tu-

do. *à parte.*

Acert. Se v. m. quer que tambem lho conte, eu lho digo: ahi hum homem...

Fil. Irmao, este moço entrou agora aqui, dizendo, que hum homem o noticiara, de que precisavas de criado; e assim que vinha agora para que o aceitalles; porem elle he tao necio!

Lag. Ah Senhor, elle he tao tolo, que he humna couza nunca vista.

Acert. Vossas mercês vivaõ muitos annos.

Fabr. Como elle me sirva bem, a ignorancia he só perda sua.

Acert. Ellas mentem, que he huma vergonha, mas eu não as quero desmentir; porque me não chamem descortez.

à parte.

Fabr. Não duvido aceitarte, quanto pertendes ganhar?

Acert. O outro amo, a quem estou servindo, dá-me hum quarto de ouro.

Fabr. Pois tu já estás accomodado?

Fil. Este necio ha de deitar tudo a perder. *à parte.*

Acert. Sim, Senhor, mas eu já não quero estar com elle, porque logo veyo com huns despropósitos, que não são do meu genio; e mais peccade v. m. ás Senhoras, que senão fora pôr-te isto em bem,

bem, muitas vezes dá com outros, que levao tudo a mal, e entoncos cá huma pessoa he que paga todas as favas.

Fabr. O que dizes?

Fil. Preciso he atalhar isto.
á parte.

Para elle. Aqui me contou, que o outro amo tinha sua condição nãofrivel.

Acert. Condição? Todos nós temos que soffrer: mas aquillo da cartinha não podia succeder alguma asneia?

Fabr. Qual cartinha?

Fil. Huma, que disse lhe mandava levar, por cuja causa o não quer servir. (Eu receyo, que este bruto manifeste tudo a meu irmão.

á parte.

Acert. Oh, elle disfarça! He que não deve querer que o irmão o saiba.
á parte.

Fabr. Pois se me quizeres servir a mim; ha de ser com a condição de me obedeceres em tudo.

Acert. A v. m. sim, que tem veronica de mais capacidade, mas o outro salvagem, eu o arrenego.

Fabr. Como te chamaõ.

Acert. Acerto para servir á pessoa de v. m.

Fabr. Se as obras differem com o home, darmehey por bem servido.

Acert. Isso são favores, que

v. m. me faz.

Fabr. Retira-te Filis, e tu Lagartixa accende luzes; e tenhaõ cuidado em terem fechadas as portas, em quanto vou fóra com Acerto.

Fil. Oh quanto sinto, que fique este nescio em casa, pois pôde a sua ignorancia manifestar a meu irmão, que me trouxe huma carta.
á part.

Lag. Que nunca entre nesta casa hum moço, que tenha geito comfigo para huma pessoa se lhe inclinar! *Vaise.*

Vaise Filis, e Lagartixa.

Fabr. Acerto, vem cá, tu tens animo?

Acert. A fallar a verdade, isso he o menos, que eu tenho.

Fabr. Pois sabe, que esta noite has de ir em minha companhia, porque vou fallar ao bem, que idolatrio amante; e se acaso não a puder ver, leva tu esta carta para a entregares á criada.

Acert. Eu supponho, que isto he fina, em que nasci, ou achaque de todos os amos desta terra, a quem persegue o achaque de amormo.

Fabr. Segueme, e mais não repliques.
Vaise.

Acert. Mais não replico, e figo.
Vaise.

MUTAÇAM TERCEIRA.

Platêa.

Sabe Fabricio , e Acerto.

Fabr. **A** Qui he, aonde assiste
o emprego de meu
desvelo.

Acert. Ay , aqui pelos sinaes
nesta primeira porta , e ao
voltar da esquina , he onde
mora o outro meu amo.

Fabr. Melhor , porque podes
subir seguramente , e se esti-
ver em casa , finge-te ainda
seu criado ; e senão estiver,
vem chamarme , para que
falle a sua irmã , que he a
quem adoro.

Acert. Isso, Senhor, sempre he
huma embrulhada , com a
qual me não sey entender :
e para que me deo v. m. esta
carta ?

Fabr. Para que no caso , que
Arnaldo esteja em casa , a
entregues á criada.

Acert. Está bem , eu vou , que
não sey se a farey limpa.
(*Faz que se vay.*) Mas es-
pere , quem he este Arnal-
do , que v. m. nomeou ?

Fabr. He o dono da casa , sal-
vagem.

Acert. He o dono da casa sal-
vagem , está feito.

Faz que se vay , e torna.

Mas digame , que me pare-
ce , que me esquece o reca-
do , v. m. me disse , que se
eu o achar em casa , que o
venha chamar a v. m.?

Fabr. Não : se elle em casa es-
tiver , deixate ficar , e não
me procures.

Acert. Ah , sim ; já percebo ,
ora eu vou. *Vaise.*

Fabr. Amor te encaminhe , e
a mim me conceda lugar de
dar allivio á minha saudade :
ah formosa Lizarda , quantos
desvelos me custas , e que
excessos me deves ? Porém
nada me deves ; porque mais
merece a tua belleza , e a di-
ta de me ver correspondi-
do. Dous mezes ha , que
gyrasol da tua vista te figo
amante , sem terem outro
norte os meus sentidos , mais
que as estrellas dos tetus
olhos : oh quando alcança-
rey como esposo o premio
da tua mão , e a gloria de ser
teu escravo !

Sabe Acert. Ah Senhor , vaite
embora depressa , que eu
perguntey se estava o Se-
nhor em casa , e distiraõme
que

Disparates de hum Acerto.

que não.

Fabr. Que dizes, louco? Se elle não está em casa, então devo fubir.

Acert. Ay, he verdade! Assim he.

Fabr. E dissestes, que estava eu aqui?

Acert. Não Senhor, que v. m. não me ordenou isto.

Fabr. Pois sobe, que eu já te figo. *Vaise Acerto.*

Oh que trabalho he confiar importantes negocios de ignorantes; porém só de amor espero o meu bom successo.

Vay Fabricio para entrar, e chega a elle Arnaldo.

Arn. Que procurais, Cavalhei-

ro, nesta casa?

Fabr. Ay de mim infeliz, que he Arnaldo! Queira a fortuna, que com o escuro da noite me não conheça.

à parte.

Arn. Não ouvis, Senhor, o que vos pergunto?

Fabr. Nada se me offerece, que lhe responda. *à parte.*

Arn. O silencio da voz dá indício de traição, com a espada tomarey vingança. *Puxa pela espada.*

Fabr. Defenderme pertendo, até me poder retirar, visto não me conhecer. *Puxa pela espada, vay pelejando, e Fabricio retirando-se, até que se occultaõ.*

M U T A Ç A M Q U A R T A.

Sala.

Sabe de huma parte Lizarda, e da outra Acerto.

Liz. **Q**ue procuras nesta casa, que com essa ousadia entras?

Acert. Eu tambem por agora sou cá de casa, se v. m. não mandar o contrario.

Liz. Pois com que confiança entras até aqui deslá sorte?

Acert. Canté por confiança tenho eu para dar, e vender.

Liz. He bom atrevimento! Di-

ze o que queres, ou te mandarey tirar a vida.

Acert. Huy! Taõ matadeira he v. m! (Este meu amo novo ainda não entra?) *à parte.*

Liz. Que olhas para a porta? (Isto deve ser algum louco?) *à parte.* Dize o que queres,

ou te vay embora.

Acert. Eu a v. m. não quero nada; tomara eu ver a tua

B

moça,

moça, que tinha huma cou-
sa para lhe dar.

Liz. Ah mayor confiança !
Vaite já daqui.

Acert. Ora eu digo que não
quero. (Llla supponho, que
não sabe, que sou moço de
casa, pois não lho hey de
dizer, saiba-o ella, que tem
obrigação disso. *á parte.*

Liz. Esta isto bom, quando são
horas de vir meu irmão.

Acert. Ah Senhora, onde he
aqui a cozinha?

Liz. Homem, ou demonio,
vaite, antes que chegue o
dono desta casa, e te mate.

Acert. Ahi! Taó matador será
elle?

Huy este meu amo ainda
não entra! *á parte.*

Liz. Por ventura alguma cria-
da desta casa he quem te
obriga a entrares aqui?

Acert. E he verdade, adivi-
nhou v. m.

Liz. Dizeme qual he, para
que experimente o castigo
que merece.

Acert. Qual he, não sey; he
qualquer que for.

Liz. Já me falta a paciencia;
dizeme a que vens, ou quem
te manda cá.

Acert. Quem me manda he o
Senhor meu amo, e esse ahi
entra.

Liz. Ay de mim, que cuidará
meu ir maõ, que sou culpa-

da na oufadia deste homem.
á parte.

Entra Arnaldo.

Acert. Mas que vejo! Este he
o meu amo primeiro, que
historia he esta! *á parte.*

Arn. Que vozes são estas, que
davas Lizarda?

Liz. Motivou-mas este louco,
que ahi está.

Acert. He a Senhora, que me
não quer em casa, e tudo he
dizer, que me vá embora.

Arn. Não precisas, Lizarda,
dispedir os moços, que eu
aceito, em outro particular
te quizera mais cautela.

Liz. Em quanto ao primeiro,
que dizes, ignorava ser cria-
do de casa; pois mo não ma-
nifestou; e em quanto ao mais
que dizes, quizera que te ex-
plicasses para te entender.

Acert. Que não veja eu huma
moça para lhe dar a carta de
meu amo? *á parte.*

Arn. Não duvido manifestarte
o meu successo. Saberás,
que recolhendome para ca-
sa, pouco tempo ha, vi que
hum vulto, que primeiro
tinha chegado, pertendia
subir a escada, e perguntan-
dolhe eu a quem buscava,
me respondeo com o silencio,
no que inferi haver traicão
na cautela, e metendo maõ

á es-

á espada o obrighey por violencia a que se descobrífse; porém elle defendendo-se valerosamente, me não disse huma só palavra, antes retirando-se da minha ira o perdi de vista com o escuro da noite, e por mais que quiz procurallo, nunca o encontrei: do que se deve colligir, que senão era algum ladrao, alguma criada desta casa lhe daria motivos para o seu arrojo.

Acert. Ay, que a tal pendencia foy com o outro meu amo, que faria elle se foubesse, que eu tambem fou da embulhada! *á parte.*

Liz. Sem duvida era o meu amado Fabricio. *á parte.*

Acert. Ah Senhor, e a esse vulto, que tinha chegado, v. m. chegoulhe ao vulto?

Arn. Senão se retirara cobarde, não escaparia da minha ira.

Acert. Irra Vasco, de boa escapou o meu amo novo. *á parte.*

Liz. Adverte, Arnaldo, que eu tenho bastante experiencia da honestidade das minhas criadas, e assim talvez, que algum ladrao seria.

Acert. Ah Senhor, e parece que cá por esta terra ha passaros de rapina, tamanhos como hum homem.

Arn. Permitta a forte, que antes assim fosse, porém sabe, que se em algum dia reconhecer o que suspeito, mais hey de culpar o teu descuido, do que a liviandade das criadas.

Acert. Elle está muito enfadado; não tenho mais remedio, que fazerme ainda seu moço, como o outro me encõmendou, senão elle he capaz de me curtir a pelle. *á parte.*

Liz. Ay, adorado Fabricio, quanto padeço por teu respeito. *á parte.*

Arn. Não fiques suspenso, que assim o-deves Lizarda, ter entendido.

Liz. Adverte, Arnaldo, que fallas comigo, e que não deve a tua paixao transcender os limites da atençaõ.

Arn. Está bem, retira-te. (Com razao se queixa, porém quando guardou atençaõs a ira! *á parte.*

Acert. Eu estou vendo se elles jogao os murros. *á parte.*

Liz. Ay amor tyranno, quanto me afeiigas! *á parte.*

Arn. Oh crueis cuidados; quanto me atormentais! *á parte.*

Liz. Porém a minha constante se confia conseguir triunfos contra a desgraça. *á parte.*
Vaise.

Arn. Porém a minha vigilancia

- cia conseguirá victoria contra as traçoens. *á parte.*
- Acert.* Porem este Acerto, se lhe quizerem chegar com algum arrocho, saberá muito bem dar as trancas. *á parte.*
- Arn.* Diz, Acerto, entregai-te aquella carta?
- Acert.* Senhor sim, na sua mesma mão.
- Arn.* E deo-te resposta?
- Acert.* Não Senhor, porque no comenos entrou o irmão della.
- Arn.* E como te desculpaste com seu irmão Fabricio?
- Acert.* Qual desculpar? Não foy necessario nada disso; porque ellas derao em lhe meter na cabeça, que eu queria ser seu moço.
- Arn.* E tu disseste, que sim?
- Acert.* Pois eu que havia de fazer; mas já não quero; porque elle tem-me cara de hum grandissimo levandija.
- Ao pismo Liz.* Quero ouvir o que Arnaldo com tanto cuidado está fallando com o moço. *á parte.*
- Arn.* Muito estimo, que te fingisses criado de Fabricio, para assim ter melhor caminho para a correspondencia do meu amor.
- Acert.* Tambem elle o estimou muito cá por amor da Senhora minha ama.
- Liz.* Ay de mim, que ouço. *á p.*
- Arn.* Que dizes? Por amor de minha irmã?
- Acert.* Mas eu não quero ser chocalheiro.
- Arn.* Responde sem demora, ao que te pergunto.
- Acert.* Sim, mas v. m. não ha de dizer nada a ninguem: não?
- Arn.* Acaba nescio, conta-me a verdade.
- Acert.* Pois v. m. não sabe, que elle era aquelle, que achou na escada, que me tinha mandado diante, para que se v. m. não estivesse em casa, elle pudesse entrar?
- Liz.* Ha mayor desgraça, do que a minha! Como não me desampara já este infeliz alento! *á parte.*
- Arn.* Que ouço! Perdido estou. Ah ingrata irmã, com a tua morte pagarás o meu descredito: ay de mim, como me não falta a vida!
- Acert.* Se eu soubera, que v. m. havia ter tamanha pena, não lho dizia.
- Arn.* Antes fizeste bem em me avisar, obrigado estou á tua lealdade.
- Acert.* Pois entao, se fiz bem, estimo, que eu não sou cá de manter enredos, e embustes.
- Liz.* Que ha de ser de mim em tanta desventura? *á parte.*
- Arn.* Vem cá, Acerto, tu has de ser

fer o ministro da minha vingança : primeiramente te encommendo o segredo : e saberás, que o que determino, he escrever logo huma carta para levares á manhã á Filis, irmã deste traidor, para que me dê de noite entrada em sua casa, e nella dar morte a seu irmão, e depois de o matar farey o mesmo a esta fallaria, derramandolhe todo o sangue, que tem meu; pois só com elle pôde apagar a mancha do seu descredito.

Acert. Para que he tanta manança nessa gente?

Arn. Assim mo dictaõ a vingança, e a nobreza.

Acert. Huma vez, que essas senhoras o dizem, está feito.

Láz. Melhorouse de algum modo a minha desgraça, pois com esta demora me fica á manhã tempo de fugir ás iras de meu irmão. *Vaise.*

Arn. Fica certo em tudo o que te adveiti, que eu vou escrever a carta, que á manhã ha de ser medianeira do meu furor. *Vaise.*

Acert. E a mim parece-me, que se estes xirinolas não tiverem emenda, hey de buscar outra terra, ou irme para a minha! pois mais val andar com huma enxada, que soffrer estes amadores de huma figa, e bulhentos de todos os peccados: aprelá com a historia, que me tem succedido em huma tarde.

Vaise.

ACTO II. MUTAÇAM PRIMEIRA.

Sala.

Sabe Filis, e Lagartixa.

Fil. **J**A' vejo, que com certeza fallou quem disse, que todo o amor era tormento: pois tendo eu a felicidade de ser bem correspondida

pelos excessos, que reconheço em Fabricio, não sómente lhe não posso fallar, mas ainda me he muito custoso o vello, pois he tal a demasiada cautela, ou zelo

de

de meu irmão , que até chegar a huma janella o offendeu.

Lag. Pois , que remedio tens , mais que padecer , já que assim o queres ?

Fil. Confessote a verdade , que já não pode o coração tolerar tantas penas , e hey de escrever a Arnaldo , que me peça a meu irmão para sua esposa ; pois a sua nobreza o não faz desmerecer a minha pessoa.

Lag. Não ha cousa como isso , fallar claro , e não andar huma pessoa sempre em sustos : eu da minha parte não era para aturar isso.

Fil. Razoão tens , mas he necessario modo , e tempo para se declarar qualquer Dama ; porque os homens costumão sempre fazer experiencias da firmeza , e recato das que amaõ para esposas.

Lag. Pois trata de lhe escreveres , que tempo he já de acabares com esse martyrio , e ahí vem Acerto , que poderá levarlhe a carta.

Entra Acerto com duas cartas na mão , trocando huma com outra.

Fil. Antes tal não farey , que não hey de confiar o meu segredo de hum nescio tão sim-

ples , que quasi declarava a meu irmão , que me tinha entregue huma carta , fenoõ fora a minha voz atalharlhe a sua ignorancia.

Acert. Ora entendaõ-se agora com isto ; meu amo Arnaldo me deo pouco ha huma carta para esta minina o introduzir em casa ; para elle fazer das suas , e não me lembrava , que tinha cá ainda a outra , que meu amo Fabricio me deo para entregar á criada da Senhora Lizarda , e assim misturou-se-me huma com outra , de sorte que não sey qual he , a que hey de dar a esta creatura. *á part.*

Fil. Que está aquelle louco fazendo com aquellas duas cartas ?

Acert. Eis aqui porque he bom pôr sobrelscitos , ainda que sejaõ cartas de amores.

á parte.

Lag. A mim me parece , que quem quizer ser mais tolo , que o tal Acerto , que lhe ha de suar muito bem o topete.

Acert. Mas pelo pezo eu fabrey qual he ; porque a que só trata de amores , como he cousa de palhada , ha de pezar pouco , e aquella que trata das mortes , como he cousa de muito pezo , sempre ha de carregar mais : ora façamos balanças das mãos

maõs para fer fiel criado.

Poemse a pezar as cartas nas maõs.

Fil. Que seja possivel quizeffe meu irmaõ aceitar hum ser-vo taõ tolo!

Lag. Nao vês, Senhora, as af-neias, que está fazendo brincando com as cartas, como se fora huma criança?

Acert. Oh, esta leva a boya ao fundo, logo parece a mal-dita, que tem mortes ás cos-tas: ora guardemos estoutra mais leve, que bem mostra, no que trata, que tudo he vento; porque isto de amor não he mais que hum flato, que se poem no coração, que com o arroto de huma reso-lução se vay embora.

Cuarda huma carta, e fica com outra na maõ.

Fil. Tal odio lhe tenho, que não o posso ver; e o cora-ção me prognostica algum mal por seu respeito.

Acert. Ora tenhaõ vossas mer-cês muito bons dias.

Chega Fabricio ao pano.

Fabr. Que vejo! Acerto com huma carta na maõ! Ob-servarey o que intenta.

à parte.

Fil. Que procuras aqui?

Acert. Entregarlhe esta carti-nha não mais.

Fil. Apartate, necio, atrevido.

Lag. Aceita, Senhora.

Fil. Queres, que elle o vá con-tar a meu iimao?

Lag. Peyor será, se lha deixas ficar, e elle a der ao Se-nhor, quando succeda tri-atar em alguns particulares do teu amor.

Fil. Dizes bem, sempre a acci-to, por evitar mayor dano.

Aceita-a.

Sake Fabr. Que carta he essa, que recibes desse criado?

Fil. Ay de mim, desgraçada sou.

à parte.

Fabr. Para que a occultas, se ta-vi receber? Entregama já.

Fil. Tu bem vistes, que eu não queria aceitalla.

Lag. Ha mayor desgraça, do que esta, causada por hum tolo!

à parte.

Acert. Eu me admirava, que não houvesse já tramoya.

Fabr. Se muito repugnafe em recebella, mais repugnas em dalla.

Fil. Fabricio, eu não sou culpa-da.

Fabr. Bem sey, mostra-a, se não a violencia fará o que não póde o rogo.

Fil. Ahi está, infeliz nasci.

Abre Fabricio a carta.

Acert. Olhem agora a azafema, em que estaõ com huma car-ta.

Fabr.

Fabr. Mas que vejo ! Esta he a carta , que te dey para Lizarda.

Acert. Pois que importa isso ?

Fabr. Dize ; porque lha não entregaste ?

Acert. Porque v. m. não me disse , que lha entregasse a ella , senão á criada.

Fil. Emendouse o meu perigo ; pois sem duvida a outra , que guardou , he a que Arnaldo me manda. *á parte para Lag.*

Lag. O que importa he , que elle saiba occultalla. *á part.*

Fabr. Pode haver mayor ignorancia , do que a tua ! Eu disse-te , que a desles á criada , por me parecer feria mais facil o encontralla , do que a ama.

Acert. Pois succedeo ás avesas ; porque a ama encontrey eu logo ; mas a criada não me foy possível vella em quanto lá estive.

Fabr. O certo he , que não póde haver mayor necio , do que tu.

Acert. Mas já sey onde vay o erro.

Fil. Ay , que lhe quer sem duvida entregar a outra carta , dizêlhe dahi por acçoens , que não a dê. *Para Lag.*

Começa Lagartixa a fazer visagens , e Acerto sem entender.

Fabr. Em que erraste ? Dize.

Acert. Disse v. m. bem , que sou hum asno , ás vezes as experiencias sahem erradas , e bem tolo he quem se fia nellas.

Fil. Mano , eu não sey para que consentis em caia hum criado tão simples , que póde ser causa de algum enredo.

Acert. Huy ! Que me quer aquella moça , que me está fazendo visagens , que he hum diluvio. *á parte.*

Fabr. Filis , isso não vos pertence a vós , o criado assim me serve.

Acert. Deve ser bem douda a tal sopeira. *á parte.*

Fil. Não sey de que possa servir a ignorancia , senão de mal.

Fabr. De mayor mal pode servir a malicia.

Acert. Está boa figura o demonio da criada : aquillo sem duvida he algum achaque.

á parte.

Lag. O negro tolaz , supponho , que me não tem entendido.

á parte.

Acert. Oh minina tem alguma cousa ?

Fabr. Que dizes ?

Acert.

Acert. He aquella moça, que está alli a tremer com as mãos, e cara, que parece, que tem algum accidente.

Lag. Ay, o que diz, eu estou-me abanando.

Acert. He valente abanar, por vida minha.

Lag. Não me entende o maldito. *á parte.* *Continúa nas acçoens.*

Fil. Muito temo, que a sua simplicidade redunde em desgraça minha. *á parte.*

Acert. Oh minina, se me quer dizer alguma cousa, falle claro; porque eu não entendo por acenos: está boa extravagancia esta!

Lag. Ah Senhor, este moço além de necio parece doudo.

Acert. Sim, diga tambem agora, que se abanou.

Fabr. Pois que fez, ignorante?

Acert. Qual abanar, Senhor, estava-me deitando tamauha lingua fora, e abrindo tal boca, que metia medo.

Lag. Que forte mentira!

Acert. Sim mentira, e a fallar-me lá por entre os dentes.

Fil. Eu te arrenego enredador.

Fabr. Está feito; retirem-se, e tu Acerto espera.

Fil. Receyo, que este Acerto seja origem de alguma ruina. *á parte.* *Vaise.*

Lag. Não pôde haver Acerto com mayores disparates. *á parte.* *Vaise.*

Fil. Porém daqui ouvirey, o que fallaõ. *Fica ao panno.*

Fabr. Em fim, tal he a tua ignorancia, que não bastou esquecerte dar a carta a Lizarda, senão vires dalla a minha irmã?

Acert. Eu o dalla cá á Senhora, foy por embaraço meu, e pelo mau tacto, que tenho nestas mãos.

Fabr. Que embaraço, ou que tacto?

Acert. Que embaraço? Por se misturar com a carta, que o outro meu amo me deo cá para a Senhora sua irmã.

Fil. Declarou-se a infelicidade, desgraçada fou. *á parte.*

Fabr. Que dizes? Qual carta? ay de mim!

Acert. De sorte, Senhor, que eu tinha a sua carta na algibeira, vay lá o Senhor Arnaldo, e dá-me outra cá para a Senhora, e como se ajuntaraõ ambas, em lugar de dar huma, dey a outra; percebe v. m?

Fabr. Aonde está a outra?

Acert. Aqui a tenho na fraldiqueira.

Fabr. Mostra-a, não me demores esse veneno, que hey de beber pelos olhos.

Acert. Eila-ahi toda inteira. *Dálha.*

Fil. Oh Ceos, compadeceivos de mim. *à parte.*

Le Fabr. Adorado Filis, como tenho já tantas experiencias da firmeza, com que correspondes ao muito, que te quero, me animo a pedirte amante, e rogarte rendido, me concedas o fallarte á noite em caso importante ao nosso amor, que por não ser possível explicarme por letras, espero de ti esta fineza, que bem ta merecem as véras, com que te adoro. Ten sempre firme amante Arnaldo.

Acert. Ah Senhor, a carta tem humas palavrinhas, que fazem arrepiar os cabellos.

Fabr. Como he possível, que acabe de ler com vida esta sentença da minha morte! Ah cruel irmã! Ah vil affronta do meu sangue, porem hoje to tirarey das veyas, e a esse vil traidor.

Acert. Eu não sey como esta terra tem gente viva com tanto amor, e com tanta morte; porem supponho, que isto tudo he de lingua.

Fil. Já sey, que espero a mor-

te por instantes. *à part.*

Fabr. Acerto, do teu segredo dependê o seguo da minha vingança, para o que saberas, que para com mais cautela satisfazer o meu agravo, he preciso dar primeiramente morte a Arnaldo, e depois a minha irmã, para o que te encommendo fiques de guarda a esta casa, em quanto eu vou buscar a satisfação da minha offensa com a morte do meu inimigo: e em quanto vou, a ninguém manifestes a minha tenção; porque o segredo te importa tambem a vida.

Acert. Porque eu sou cá chochalheiro para contar isso a ninguem? He boa essa!

Fabr. Isso te encommendo humma, e muitas vezes.

Acert. Não, meu Senhor; eu não sou cá de mexericos.

Fabr. Isso te he preciso agora mais que nunca.

Acert. Olhe v. m. Isso dizia minha mãy: o meu filho Acerto sim dirá o feito, e o por fazer, mas de chochalheiro não tem nada.

Fabr. **M**Orra Arnaldô sem detença,
Juntamente humma traidora,
Poís só assim se melhora
De algum modo a minha offensa,
Obre o effeito a ira intençã,

Disparates de hum Acerto.

29

Com violencias as mais fortes ,
Porque de todas as fortes
Medita a pena sentida
Que do meu credito a vida
So se adquire com taes mortes.

Vaise.

Fil. Lagartixa , já que temos
esta occasião taõ opportuna ,
procuremos salvar as vidas
fugindo á crueldade de meu
irmão.

Lag. Vamos , Senhora , pôr os
mantos depressa; mas Senho-
ra para onde havemos de ir ?

Fil. Para casa de Arnaldo , e
juntamente o avifaremos do
intento de Fabricio , para
que busque a tudo remedio,

Vaõse.

Acert. Ora fiquey com boa in-
cumbencia de guardar a casa,
como se acafo a casa he cou-
sa que fuja, ou que alguem
a leve : sempre na verdade
me sahem bons officios ; mas
eu parece me , que me hey
de deixar de servir, pois não
me entendo com esta gente :
lá na minha terra sómente se
trata em lavouras , em ara-
dos , em boys , e em enxa-
das , e cá sómente se falla em
amores , em mortes , em
vinganças , em agravos , e
em quantos enredos pode
haver , que ando já tonto ;
mas ter maõ , que me pare-
ce , que a casa se vay já mu-
dando.

*Sabe Filis, e Lagartixa , com os
mantos nos braços , preparan-
dose para os porem, e Lagar-
tixa ainda vestindo hu-
ma saya.*

Lag. O que nos resta he , que
este doudo não nos deixe
fahir.

Fil. Se intentar impedirnos ,
saberey vingarme nelle dos
males, que me tem caufado a
sua ignorancia.

Acert. Ah Senhoras , vossas
mercês não sabem , que fi-
quey guardando esta casa ,
pois vejaõ como hey de con-
sentir , que vossas mercês
lhe vaõ mudando o fato.

Fil. Como necio te atreves a
oppor ao meu intento, de-
pois de seres motivo de to-
das as minhas desgraças ?

Acert. De vagar , Senhora ,
com esse testemunho ; pois
eu he , que a fiz desgraça-
da ?

Fil. Sim, infame , patentean-
do a meu irmão o segredo ,
que de ti se tinha fiado,

Acert. Pois se o tinhaõ fiado
de mim , fizeraõ muito mal ;
porque de homem pobre não
se póde fiar cousa alguma.

- Fil.* Dizes bem , e mais sendo pobreza do entendimento.
- Lag.* Dize , camello , para que mostrastes ao Senhor aquella carta ?
- Acert.* E v. m. porque me não disse, que não lha mostrasse?
- Lag.* Pois eu não to estava dizendo por acenos ?
- Acert.* Oh , era isso ? Pois eu podia adivinhar , que o tremmer com a lingua , e abrir a boca , significava não entregar cartas a irmaos ?
- Lag.* Anda , que es hum salvagem , e hum bruto.
- Acert.* V. m. diz o que he ; tem muita razaõ.
- Fil.* Ora fica ahi , e se meu irmaõ te perguntar por nós , dize-lhe , que vamos fugindo á sua cruel imprudencia.
- Acert.* Qual , não confinto, que nada daqui se mude.
- Fil.* Lagartixa , engana-o tu , que a mim falta-me a paciencia. *Para Lag.*
- Lag.* Deixa-o comigo , que eu darey conta delle , logradinho em cheyo. *Para Filis.*
- Acert.* Essa seria boa , se eu tinha de pagar duas mulheres vestidas , e calçadas.
- Lag.* Ora meu Acertozinho , meus amores , não nos de-
tenhas ; porque temos muito que fazer , meu brinquinho.
- Acert.* Devagar , devagar , que he isso de amores ? Irmã , vem mal encaminhada comigo , que isto cá he pé de Boy.
- Lag.* Cala-te , meu amor , que havemos cazar ambos.
- Acert.* Fóra , fóra , nada disso , não fou desses.
- Lag.* Inda te fazes grave, tyranno , taõ féro como hoje , e á manhã.
- Acert.* Arrede-se para lá ; irra minha minina ; vossê quer-me pegar o achaque desta terra ?
- Lag.* Ay , não digas isso , que o amor he natural em todos os homens.
- Acert.* Pois eu como besta lhe hey de atirar dous couces , assim como quem vay daqui para alli.
- Lag.* Certo he , que logo parecez jumento no irracional do teu discurso : ha coração humano , que se livre das settas de amor ?
- Acert.* Eu fou hum dos homens , que me livro delle , assim a modo de aino.
- Lag.* Dize-me , de que modo
- Acert.* Isso farey eu , ora ouça.

S O N E T O.

Viraõ vossês hum burro, a quem ao trote
 Pertende espicaçar a mosca ufana,
 Porém, que elle as orelhas logo abana,
 E com a cauda a fustiga qual xicote?
 Ella daqui, e dalli lhe tira hum bóte,
 Furiosa, pertinaz, sempre tyranna,
 Porém elle a affugenta com mais gana,
 Despedindo hum chuvaireo de pinóte.
 Assim de amor a mosca já comigo,
 Por ser marruaz, teimoso, e taõ jumento,
 Corre, no espicaçarme seu perigo.
 Pois se me pica, e despica-me intento,
 Atirando os meus couces a fustigo;
 E abanando as orelhas a affugento,

Lag. Póde haver Acerto mais defacertado, que este?

Acert. Póde haver Lagartixa mais bicho carpinteiro, que esta?

Fil. Já naõ posso esperar mais demoras, vamo-nos, e quando intente embarçarnos, experimentarã o que merece.

Acert. Tenhaõ vossas mercês maõ, que se vá coufa alguma desta casa.

Fil. Naõ queiras, que o teu atrevimento seja castigo, da tua ignorancia.

Acert. Naõ me importa isso, seja o que for, eu hey de dar conta do que se fiou de mim.

Lag. Tem maõ; naõ dissestes tu, que de homem pobre

nada se póde fiar?

Acert. Sim Senhora, isso he coufa bem certa.

Lag. Pois entaõ, naõ estãs obrigado a dar conta da casa, que se fiou de ti, que es hum homem taõ pobrezinho.

Fil. Assim he; quando huma carta, que he taõ leve coufa, se naõ póde fiar de ti, que ferã huma casa, que he coufa de tanto pezo.

Acert. Ora digo que tem vossas mercês razao, pilharaõ-me, já me naõ importa, nem as suas pessoas, nem a casa.

Lag. Se teu amo perguntar por nós, dizêlhe, que...

Acert. O que bem sey, que naõ fosse asno de fiar de mim coufas de importancia: pódem

Comedia Nova,

dem vossas mercês ir-se por
huma parte, que eu me vou
por outra.

Lag. Dizes bem, vamos, Se-
nhora.

Fil. Espera, permite, que a
minha pena tenha lugar de
me deixar despedir da minha

caia, donde me desterraõ
amor, e loucura, que tudo
he o mesmo.

Lag. Ay, agora te poens com
illo.

Acert. Deixe despedirse a Se-
nhora, quer que seja des-
cortez?

Fil. **F**icate desde hoje embora,
Minha doce habitaçaõ,
Pois com tanta femrazaõ
Amor me desterra agora:
Huma ignorancia traidora
Foy algoz do meu socego;
De mil tormentos no pego
Tenho o coraçãõ abíorto,
Quando não posso achar porto
Nas penas, em que navego. *Vaise Fil. e Lag.*

Acert. Fez a sua obrigaçaõ, des-
pedio-se com toda a corte-
zia, eu tambem como não fa-
ço aqui nada, vou buscar mi-

nha vida: mas quero ver, se
primeiro sey dizer duas pa-
lavras de despedimento.

Como quem he fique assim,
Senhora casa, ou casal,
Já que seu dono foy tal,
Que a veyo a fiar de mim:
Correndo, qual bolantim,
Me vou, se a fugir me obriga,
Fique, casinha de figa,
Que não a posso aturar,
Pois foyente sey guardar
O paõ na minha barfiga. *Vaise.*

ACTO III.

MUTAÇAM PRIMEIRA.

Sala.

Sabe Fabricio.

Fabr. **C**omo não encontro a meu inimigo, não quero perder a occasião da minha vingança; porém como não vejo aqui a Acerto, aonde o deixey? Acerto? Sem duvida se foy, ah infiel criado, como he necio, quem de vós se confia! Porém antes, que minha irmã, suspeitando o meu intento, queira com a cautela evitar o castigo merecido, quero que acabe a vida aos fios desta espada, pois já que foy todo o motivo do meu infortunio, he bem, que experimente todos os effeitos da minha ira.

Entra Fabricio com a espada na mão por huma parte, e torna a sair por outra atraz de Lizarda, que vem retirando-se.

Fabr. Morre, traidora infame.

Liz. Suspende, Fabricio, o im-

pulso, e adverte, que em nada te offende o meu constante amor.

Fabr. Que vejo! Ay de mim! Como vós, Senhora, nesta casa, quando a minha vingança procurava outro objecto ao seu furor?

Liz. Não te admire, Fabricio, o veres-me aqui; porque o fugir ás iras de hum irmão zeloso, me impellio a buscar o teu amparo, e achando as portas abertas, fiquey admirada, não vendo em casa pessoa alguma.

Fabr. E porque causa pertende o infiel Arnaldo darte morte, sendo quem tanto me offende?

Liz. Hum criado, de quem te fiastes, foy quem lhe patenteou o nosso amor, por cuja razão te procura irado, para se vingar na tua vida.

Fabr. He possível, que já seja meu declarado inimigo, quando certificado pelo mesmo criado, de que me offende,

foli-

sollicito occasião, em que se-
ja estrago do meu vingativo
impulso!

Sabe Acerto.

Acert. Ah Senhor, v. m. já veyo
tomar conta da sua casa?
Pois eu venho, para que me
pague dous dias, que o ser-
vi, que importa quatro vin-
tens; porque me quero vol-
tar para a minha terra, pois
não posso aturar amos.

Fabr. Dize, louco, ignorante,
que te recômedey?

Acert. Pois v. m. para que he
facil em fiar huma casa de hũ
pobretaõ, como eu? Isso não
o faz ninguem.

Fabr. Pois pagarmehas o teu
descuido, causa da mayor
ruina minha.

Acert. Que lhe hey de pagar?
Ah, já entendo, v. m. pede-
me demasias, para que eu
não tenha boca de lhe pedir
o meu salario?

Fabr. Oh atrevido! Ainda
pertende a tua ignorancia
aumentar mais a minha ira?

Acert. Pois quem não tem com
que pagar, escusa tomar cria-
dos.

Fabr. A tua simplicidade te li-
vra do castigo, que mereces.

Acert. Sim, disfarce; pois não
lhe pareça, que hey de per-
der os meus quatro vintens;

porque eu sey muito bem
ir á Casinha fazer queixa ao
Senhor Almotacé, que isto
he pouca vergonha.

Fabr. Vaite da minha prefer-
ça, e mais me não apures.

Acert. Pois pagueme o meu sa-
lario, não seja pirangueiro.

Fabr. Espera, necio, que eu
te pagarey o que tens me-
recido.

Liz. Tende mão, Fabricio,
deixay este louco, e cuide-
mos somente no que mais
importa.

Acert. Tenha mão, ou não te-
nha, ainda que me mate,
não me hey de ir sem o meu
dinheiro: está boa endrome-
la esta!

Fabr. Deixaime, Lizarda; tirar
a vida a esse traidor.

Acert. Pois tire embora, que
antes quero perder a vida,
do que os meus quatro vin-
tens, tenho dito.

Liz. Ah quem tal diga? For-
te loucura!

Acert. Loucura? Porque se eu
agora a vida perder, tendo
quatro vintens, não compro
logo hum faco, e huma
corda para tornar a ganhar
a minha vida?

Liz. Pois para que te vás, eu
te satisfaço; ahi tens esses
seis vintens; vaite já.

Dálhe seis vintens.

Acert. Agora sim, se elles
mais

mais cedo tiveraõ vindo ,
mais cedo tivera eu ido ,
naõ ha cousa , como hum
homem fazer a sua diligen-
cia.

Liz. Naõ te vãs ainda ?

Acert. Estou-me gloriando de
ver como saõ novinhos.

Fabr. Naõ sey como me sup-
porto.

Acert. Ora ás suas ordens ,
meus Senhores , agora vou
ter com meu amo segundo ,
para lhe tirar outro tanto.

Liz. Vaite com os Ceos.

Acert. A sua obediencia : olhe
v. m. que a casa ahi lhe fica ,
ao depois naõ me peça con-
ta della.

Fabr. Já a paciencia me falta.

Acert. E a mim já me naõ fal-
ta nada.

Liz. Pois que esperas aqui ,
necio importuno ?

Acert. Eu já cousa nenhuma ,
fique-me embora ; mas ay ,
que me esquecia ; mas naõ
importa , ás suas ordens meus
Senhores.

Liz. Dizeme agora amado Fa-
bricio , que remedio dás aos
males , que por tua causa
padeço ?

Fabr. Querida Lizarda , outro
naõ ha mais , que estares
aqui oculta ; em quanto

satisfaço a minha vingança ,
que ao depois satisfarey ao
teu amor.

Liz. Que dizes , queres accu-
mular mais desgraças , ás que
experimento ?

Fabr. Naõ tens , que opporte
ao que determino , espera-
me , que satisfeito do meu
agravo te buscarey aman-
te.

Vaise.

Liz. Espera ingrato , suspende
os passos , tyranno Fabricio ,
pois queres , ay de mim !
com a morte de meu irmão
pagar com agravos as mi-
nhas finezas , que hey de
fazer infeliz , quando naõ
posso evitar taõ grande da-
no ; pois se o intento pro-
hibir , arisco a propria vida
na presença de hum irmão
offendido ; porã antes sin-
ta a minha o perigo , do que
verme sem irmão , ou sem
hum ingrato , a quem amo :
oh quem pudera pagar os
teus desprezos com aborre-
cer-te ! Porem naõ posso
mais , do que queixarme
dos teus desvios , e conven-
cer a tua ingratidão com a
minha firmeza , e assim te
iréy segundo queixando-me
desta sorte.

S. O. N. E. T. O.

O Stenta amante ingrato, os teus rigores
 Contra a grande firmeza do meu peito;
 Porque quando a adorarte me fugeito,
 Outro preñio não quero aos meus ardores.
 Sabe, que quanto mais ingrato fores,
 Mais da constancia moitto o puro effeito,
 Que he amor sacrificio muito aceito,
 O que se faz no altar dos desfavores:
 No fogo do rigor mui alta fineza
 Ficará como o ouro mais luzida;
 Quando por adorar-te se despreza,
 Faze de desprezarme eterna vida.
 Só para ter gloria da firmeza,
 Quanto mais desprezada, mais rendida.

MUTAÇAM SEGUNDA.

Sala.

Sabem Filis, e Lagartixa.

Fil. Que havemos fazer,
 Lagartixa, neste ultimo
 desamparo, em
 que nos poz a sorte? Pois
 achamos aqui a Armal-
 do, para que nos defenda,
 nem a sua irmã Lizarda,
 para que nos ampare.

Lag. Eu Senhora, só te direy,
 que achamos esta casa do
 mesmo modo, que deixá-
 mos a nossa.

Fil. Sem duvida deve de pade-
 cer igual infortunio.

Lag. Tambem deve de andar
 por cá a mesma tormenta,
 que por nós passa.

Fil. Pois dize, que havemos
 de fazer?

Lag. Consolarmo-nos; porque
 não ter companheiro nas pe-
 nas, he allivio de tristes, e
 or consolação de queixosos.

Fil. Eu dissera, que nos fosse-
 mos, pois aqui nós não esta-
 mos seguras.

Lag. E para onde, Senhora;
 havemos de ir, sem mais
 nem

Disparates de hum Acerto.

25

nem mais, e sem tabermos por onde?

Fil. Busquemos hum Recolhimento, até se pôr em paz tanto defasocego.

Lag. Dizes bem, Senhora; vamos para o Recolhimento; porque ainda que fugimos de casa, em nos achando lá, sempre haõ de dizer, que fomos mulheres recolhidas.

Fil. Pois não nos demoremos mais.

Lag. Vamos; mas ay!

Entra Arnaldo.

Arn. Que vejo! Vós, Senhora, nesta casa! Como? Quando...

Fil. Que vos perturba? Causa-vos disgosto o veresme aqui?

Arn. Não me causa disgosto, mas sim admiração.

Fil. Pois bem pudera não vo la causar, sendo vós o motivo de eu commetter este arrojão.

Arn. De que modo?

Fil. Confiando o segredo dos nossos amores da simples ignorancia de hum criado, que tudo manifestou a meu irmão.

Arn. Ay de mim, que já Fabricio he meu patente contrario; e mais difficulosa ha de ser agora a minha vingança.

à parte.

Fil. E lhe entregou a carta, que me mandavas.

Lag. Por final hia dizendo, que v.m. queria lá ir á noite.

Arn. E aonde está minha irmã, que não a vejo comvosco?

Fil. Sinto darvos a noticia de que não a achei em casa, antes entrando aqui pouco ha, vi as portas abertas; e a casa sem pessoa alguma.

Arn. Ha homem mais infelizo do que eu! Pois quando por não encontrar a meu inimigo, vinha faciar a minha ira em huma infiel traidora, só encontro mayor augmento nos seus aggravos, e mais confusão nos meus perigos.

à parte.

Fil. Que vos suspende Arnaldo?

Lag. Está mordido da mesma abelha, que mordeo ao Senhor Fabricio.

Arn. Filis, não posso negar, nem vós ignorais o quanto vos adoro; porém haveis de permittirme licença, para que acuda aonde me está chamando o credito, e a opiniaõ.

Fil. Que he isto! He possivel, que este seja o amparo, que confiava encontrar em vós? Deixares-me só, quando por vossa causa me procura hum irmão zeloso, e irado.

Arn. Irado, e zeloso me arasta o mesmo furor; e as-

fim deixay-me ver vingado para poder mostrar ter amante.

Vay Arnaldo para sair , encontra com Acerto , que entra.

Arn. E assim permittime licença.

Acert. Tenha maõ para lá meu Senhor.

Arn. Que pertendes traidor necio ?

Acert. Ay , cá estaõ tambem as Senhoras ; olhem que lá o Senhor Fabricio anda procurando por vossas mercês ; mas se eu o vir , logo lhe direy , que cá estaõ com o Senhor Arnaldo.

Fil. Ainda aqui me persegue a tua loucura ?

Lag. Eu supponho , que este maldito veyo a esta terra para nos perseguir até á ultima hora.

Acert. Oh minina , devagar com esse chamar de nomes , que em se me pagando o que se me deve , não hey de perseguir mais a ninguem.

Arn. Pois que procuras aqui ?

Acert. Quatro vintens , que v. m. me deve de dous dias ; que o servi.

Arn. Quatro vidas te tirára, em satisfação do mal , que me tens causado.

Acert. Ay , cilo-aqui valendo-

se da mesma desculpa do outro ; isto, Senhores , suppunho, que he geral, em hum amo não querendo pagar ao criado , logo diz , que não o servio bem , e que lhe fez perdas.

Arn. Ainda mayores , necio , que aquellas , de que fostes origem ?

Acert. Pois , Senhor , meta essas perdas no rol , e desconte-as nos quatro vintens.

Arn. Ora mayor ignorancia he , a de quem dá ouvidos a hum necio.

Fil. O não lhe dar attençaõ he o mais acertado.

Acert. O mais acertado he pagar a Acerto.

Fil. Querido Arnaldo, peço-te me não deixes aqui neste desamparo.

Lag. Olhe , que temos muito medo de ficarmos aqui fofinhas.

Acert. Ah Senhor , v. m. paga-me salario ?

Arn. Permite-me, Filis, hũ breve instante de ausencia para tregos do meu desafogo , e para desafogo da minha pena.

Acert. Ay , que elle faz orelhas de mercador ! Não , pois engana-se comigo.

Fil. Tempo haverá para tudo ; mostra-te antes amante , do que irado.

Arn.

Disparates de hum Acerto.

23

Arn. Deixa-me, Filis adorada, porque em quanto este venenoso aspid me atormenta o coração, não posso corresponder ás tuas finezas.

Lag. Ora tenha dó da Senhora, que por amor de v. m. anda peregrinando por casas alheyas.

Acert. V. m. paga-me, ou não? Está boa pirangaria!

Arn. Senhora, mais não demores o meu intento; permitte-me licença, até que vingado venha aos teus pés oferecer hum coração rendido.

Faz que se vay.

Acert. Espere, Senhor, pague-me primeiro os meus quatro vintens.

Arn. Eu tos pago desta sorte.

Dálhe pontapés.

Acert. Iira, irra, xó para lá ay, ay.

Fil. Suspendey, Senhor, não executeis já a vossa ira na minha preferença.

Acert. Ay, que me deitou o vazio das cadeiras abaixo.

Fil. Não queirais, sobre pouco amante, mostrarvos desattento.

Arn. Confesso, que errey, porém bem conheceis, quanto este necio importuno me impaciente.

Acert. Ah Senhora, este sujeito faz ao pagar o mesmo que eu faço ao amor.

Fil. De que modo?

Acert. Abanando as orelhas, e atirando couces.

Fil. Pois vaite daqui já.

Acert. Se v. m. quer, que me vá embora, pague-me pelo Senhor, assim como ainda agora fez lá em casa a irmãa do Senhor por amor do irmão de v. m.

Fil. Calla-te, ignorante bruto, não me augmentes mais as desgraças, que tens originado.

Arn. Que dizes? Minha irmãa está em casa de Fabricio!

Acert. E por final pagou por elle huns seis vintens, como a roda de hum carro.

Lag. E não cortaõ a hum destes?

Arn. Que me detenho, que não vou já de hum golpe cortar as infeis vidas destes traidores? Aguarda, fementida irmãa, eispera, traidor Fabricio.

Vay para sabir, e sabe-lhe ao encontro Fabricio, e puxaõ pelas espadas.

Fabr. Não só te espero, mas tambem vingativo te busco

Fil. Ay de mim, como me alento á vista de tal desgraça!

Lag. De tudo isto são causa os Disparates de hum Acerto.

Fabr. Mas que vejo! Tu tambem aqui, traidora; porem

em hum mesmo lugar darey o castigo aos dous aggressores da minha affronta : morre, aleivofo.

Acert. Tenha maõ, Senhor, já que o mata, deixe-o primeiro fazer testamento de quatro vintens, que me deve.

Arn. Com a minha espada castigarey o teu aleivofo atrevimento. *Brigaõ.*

Acert. Lá vaõ os meus quatro vintens com a breca.

Fil. Suspendey, irmaõ, suspendey, esposo.

Fabr. Esperay, Arnaldo, que aquella voz de Filis me embarga a acção; e se he verdadeira, mais tenho que agradecer, do que castigar.

Arn. Verdadeira he ; porque feu esposo fou; e assim defendeivos, pois só da minha parte existe o aggravo.

Fabr. Paray o impulso, pois desposandome com Lizarda, em nada ficais com offensa.

Arn. Antes por obrigado me confessarey agradecido.

Fil. Alviçaras fortuna, que se melhorou o meu fado. *à p.*

Lag. Já se vaõ concertando os desmanchos, que fez Acerto.

Arn. Porém como ha de ser, se Lizarda não apparece?

Fabr. Acerto lhe pode ir dar aviso; pois em minha casa está.

Acert. Eu sim, lá era eu tollo, que bõlisse daqui o pé sem me pagarem.

Sabê Lizarda.

Liz. Não he preciso avifareme; pois chegando agora a tempo, em que ouvi o mayor favor da minha dita, pedindo a meu irmaõ mil perdoens, me offereço a todo o castigo, e á escravidão de meu elposo.

Arn. Antes com os braços te recebe a minha alegria.

Acert. Ay, que he isto! Esta gente pareceme douda?

Arn. E ati, queiida Filis, te entrego com a maõ de esposo a alma, e a vida.

Fil. Ditosa pena, que teve por effeito tanta alegria. *Dá-lhe a maõ.*

Acert. Ora eu estou admirado de ver as escusadas carambolas, que se urdiraõ para esta gente se casar.

Lag. Só me parece, que ficarey ainda como estou. *à part.*

Acert. Senhores, não me dirão por favor, isto mesmo, que vossas mercês fizeraõ agora ás pancadas, não o podião já ter feito com muita paz, e quietação?

Arn. Callate, louco, que os teus Disparates foraõ a causa de tudo.

Acert.

Disparates de hum Acerto.

31

Acert. Sim. Ora pois, venhaõ para cá os meus quatro vintens.

Arn. Em desconto delles te darey hum vestido, e ficarás em minha casa, pois não desgõto da tua fingeleza.

Acert. Pois Senhor, visto ter eu vestido novo, e fazerem-me inveja estes noivados, se aquella menina quizer casar comigo com muita quietação, eu não se me déra disso.

Lag. Por não ficar para tia, pegamehey a este bom Acerto.

Acert. Mas eu creyo, que com esta Lagartixa me verey arastado como a cobra.

Lag. Mas eu bem vejo, que neste bom Acerto tive bem na eleição. *Da-lhe a mão.*

Fabr. Agora só resta pedir a taõ nobre, e discreto Auditorio o peidao das nossas faltas, para que fiquem com os nossos erros juntamente desculpados.

Todos. Disparates de hum Acerto.



L I S B O A.

Na Officina de MANOEL COELHO AMADO,

Anno M. DCC. LXIV.

Com todas as licenças necessarias.

Vende-se na mesma Officina, na travessa da Estrella, que da rua da Vinha desce para a rua Formosa, onde tambem se acharão as Comedias Amorosas Finezas, Amor não póde occultarse, Mayor Ventura de Amor, Porfiar errando, Cazada, Viuva, e Freira, Talhada está a ração, &c. Mayor extremo de Amor, Astucias de Amor, e zelos, e outras.

